



COLABORE COM AS PRÓXIMAS EDIÇÕES DA MUITO E VEJA O
MAKING OF DAS REPORTAGENS EM WWW.ATARDE.COM.BR/MUITO

REVISTA SEMANAL DO JORNAL
A TARDE. NÃO PODE SER
VENDIDA SEPARADAMENTE

DOMINGO, 1º DE JUNHO DE 2008 #9

A TARDE

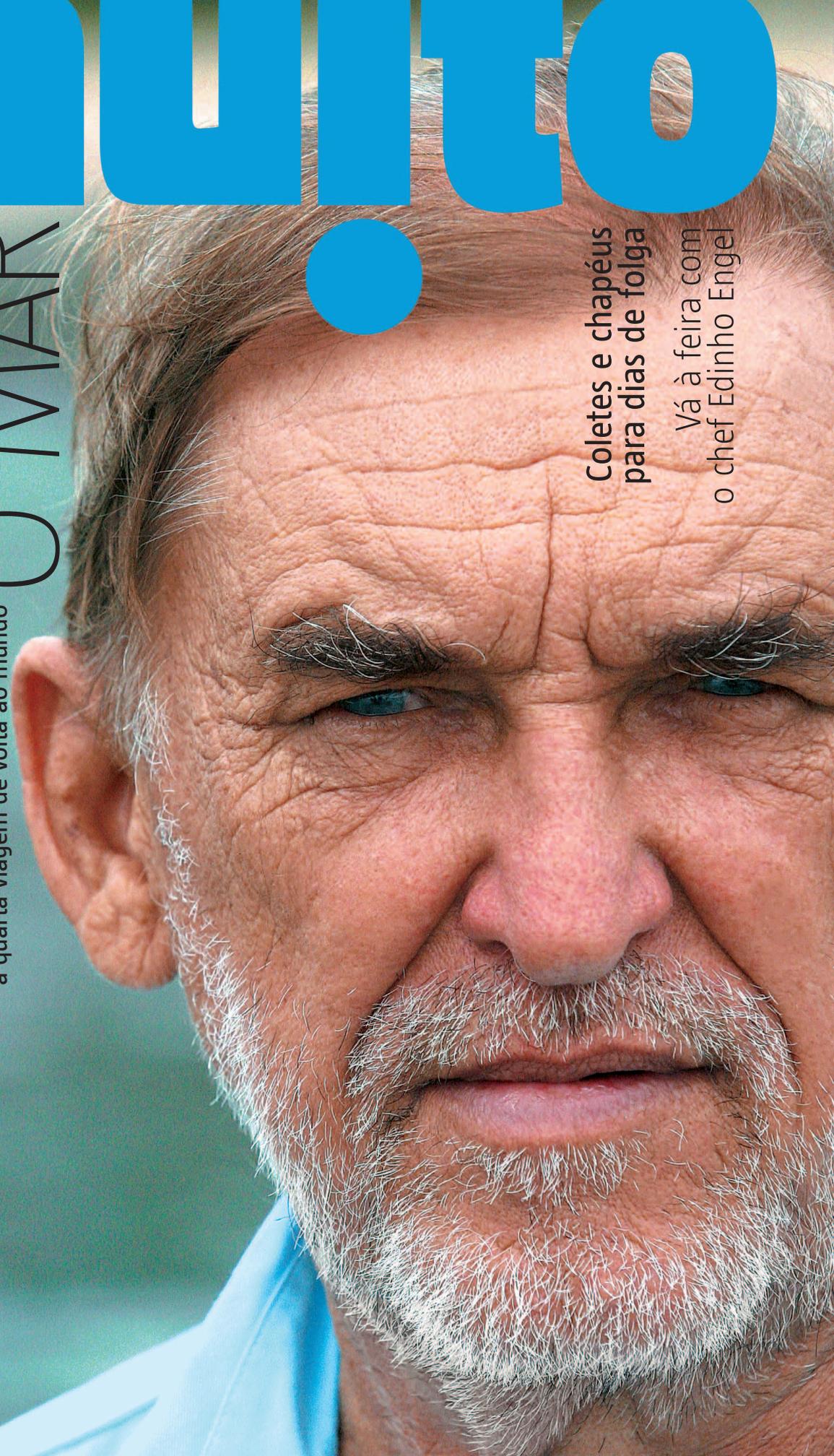
O VELHO E O MAR

O navegador Aleixo Belov prepara
a quarta viagem de volta ao mundo

MUITO

Coletes e chapéus
para dias de folga

Vá à feira com
o chef Edinho Engel







De volta ao mar

Plantar uma árvore, escrever um livro, ter um filho... A lista de Aleixo Belov não estaria completa sem a construção de um barco e, ao menos, uma volta solitária ao mundo. Aos 65 anos, ele planeja a sua quarta viagem e quer ensinar o ofício de sonhar aos futuros navegadores

Texto **TATIANA MENDONÇA** tmendonca@grupoatarde.com.br

No meio do mar de Aruba, a caminho do Panamá, um homem e um barco. O banzo vem acompanhado de um verso cantado por Fafá de Belém: “Me ponha de novo no colo/ E faça de mim um menino/ Não deixe que eu morra de medo/ não deixe que eu fique sozinho”. O colo o faz lembrar da mãe e ele pergunta a si mesmo: “O que tens, Aleixo?”

O que tem para largar a família e o trabalho e decidir se lançar ao mar, sozinho, para dar a volta ao mundo? O que tem para fazer isso não uma, mas três vezes? O que tem Aleixo Belov, para, aos 65 anos, querer fazer de novo essa viagem, desta vez em um novo barco e acompanhado?

Passados 28 anos desde a primeira viagem, quando se tornou o primeiro navegador solitário a ter completado a volta ao mundo em um veleiro de bandeira brasileira, ele ainda não tem a resposta. “Ah, não consigo explicar... O que eu não consegui foi fugir disso. É como aquela formiga de asa, atraída pela lâmpada à noite. Parecia que era caminho único”.

As viagens renderam cinco livros, para registrar as experiências e “incentivar os jovens brasileiros” a seguir pelo mar. Mas, achando pouco, Aleixo quer mostrar como é que se faz. “Estou velho. Daqui a pouco morro. E eu tinha vontade que as coisas que aprendi não ficassem perdidas”.

Aos 60 anos, voltando da terceira viagem, o mais navegador dos engenheiros civis decidiu fazer um balanço da vida para ver o que ainda podia conquistar. “Já fiz tanta obra, ponte, porto, plataforma, emissário submarino, o diabo... Fazer mais obra? Bom, posso fazer, mas não é nada novo. Fazer mais filho? Já tenho cinco. Está bom, né? O que eu ainda podia fazer era construir um veleiro-escola para levar jo-

vens para dar a volta ao mundo, para passar para eles o conhecimento, fazer a sucessão. Seria essa a finalidade”.

Há cinco anos ele constrói o veleiro-escola Fraternidade, um “barcão” com 21,5 m de comprimento e 12 beliches. Os mastros, um de 22 metros e outro de 17,5 m, vieram da África do Sul, “lugar de muito vento”. O barco deve ir ao mar em junho, para testes. “Não sei se vou levar muita gente, para não virar uma feira. Talvez coloque de oito a dez, dos quais uns quatro são profissionais e quatro alunos”.

PÓS-GRADUAÇÃO

A data da viagem ainda não está definida – Aleixo imagina que só no final do ano, ou no começo de 2009, a depender dos ajustes. Depois dos testes no mar, a tripulação será selecionada. Mas a idéia não é ensinar ninguém a navegar. Está mais para uma “pós-graduação”. “O camarada já tem que chegar pronto. Não é um barco-escola para ir a Itaparica tomar uma cerveja. É uma volta ao mundo!”.

Como vai decidir quem o acompanhará em sua primeira missão não-solitária também está em aberto. “Só sei que não vou botar só velejadores. Pode ter um biólogo marinho, cineasta, mergulhadores, repórteres, mas cada um tem que ser muito bom na profissão. Quero fazer uma sujeira com a pessoa. Quero que essa experiência pos-

sa mudar a vida dela, para que nunca mais seja a mesma”.

Nem Aleixo será o mesmo. Ele ainda não sabe como vai reagir tendo tanta gente “interferindo” no seu amor com o mar. “Fui tão feliz sozinho. Até da minha mulher, quando ia me encontrar, eu ficava com ciúme. Muitas vezes, esperava que dormisse para aproveitar o momento de estar só com o mar. Se eu ficar muito feliz agora, vai ser uma pequena surpresa para mim”.

Ele imagina que os alunos possam ser patrocinados, mas não espera contribuições financeiras para tirar o Fraternidade do estaleiro. Em todas as vezes que se lançou ao mar, não recebeu “um centavo”.

“O barco não é para ganhar dinheiro. É para viver, amar, preencher os objetivos da vida, fazendo poesia e amizade. Não gano muito com a engenharia, mas mesmo assim não consigo gastar tudo. Só se fosse comprar coisas supérfluas, uma Ferrari, um negócio assim. Continuo com minha vida de sempre... Não compro muita roupa, não bebo uísque, não uso drogas. Meu problema não é ganhar dinheiro, é como aproveitar”.

UCRÂNIA, SALVADOR, MUNDO

O Fraternidade foi construído pela Belov Engenharia. Quanto custa é “segredo de Estado”. Ele até pensou em construir outros barcos, se esse fizesse sucesso. Mas, de

« Aleixo e o mar se olham, como quem diz, de homem para homem, mas isso custou muito: enjôos, paciência e desespero »

Carybé, artista plástico, sobre a volta da primeira viagem de Aleixo Belov



Belov estuda os mapas e as rotas na primeira volta ao mundo a bordo do Três Marias, que construiu no quintal de casa

antemão, já dispensa as encomendas. “Está doido, ninguém merece cinco anos da minha vida. Quem quiser que vá fazer o seu barco. Posso dar umas dicas”.

Aleixo é superintendente da Belov Engenharia, que funciona em Baixa de Quintas, onde já foi sua casa e a do seu pai. A ligação com Salvador é profunda, maior ainda é a ligação com o mar. Quando cruzou pela primeira vez o oceano, Alexey Dimitrievitch Belov, que nasceu na Ucrânia, durante a ocupação alemã na Segunda Guerra, tinha só seis anos. “Quando nasci, em cada poste havia um judeu enforcado pelos alemães e

muitos ucranianos morriam de fome”, escreveu.

Seu pai, Dimitri, era comunista e havia lutado no Exército Vermelho. Dos sete meses aos seis anos, Aleixo vagou com ele, a mãe e a irmã pela Europa. Da Ucrânia para a Polônia, da Polônia à Alemanha, da Alemanha à Itália, da Itália ao Brasil.

Além de comunista, Dimitri era agrônomo e ouviu falar que o País tinha muitas terras. Chegaram ao Rio em junho de 1949. Depois de virar camelô, vendendo os cigarros que ganhou pelo segundo lugar num campeonato de xadrez no navio, ele

foi convidado a vir para Salvador tomar conta de uma fazenda em Águas Claras.

Hoje, quando Aleixo passa pela BR-324 para trabalhar em Mapele, no estaleiro da Belov, em Simões Filho, vê o Educandário Eunice Wiver, a primeira escola onde estudou. No primeiro dia de aula, ficou mudo. Hoje fala cinco idiomas. Leu Darwin, Freud e Marx. Como o pai, foi professor de matemática. Por insistência dele, terminou o curso de engenharia civil na Universidade Federal da Bahia. É que nessa época já estava envolvido com o mar. Mergulhava e tinha decidido que era esse o destino.

AS ROTAS DE ALEIXO BELOV



Preparação para a segunda volta



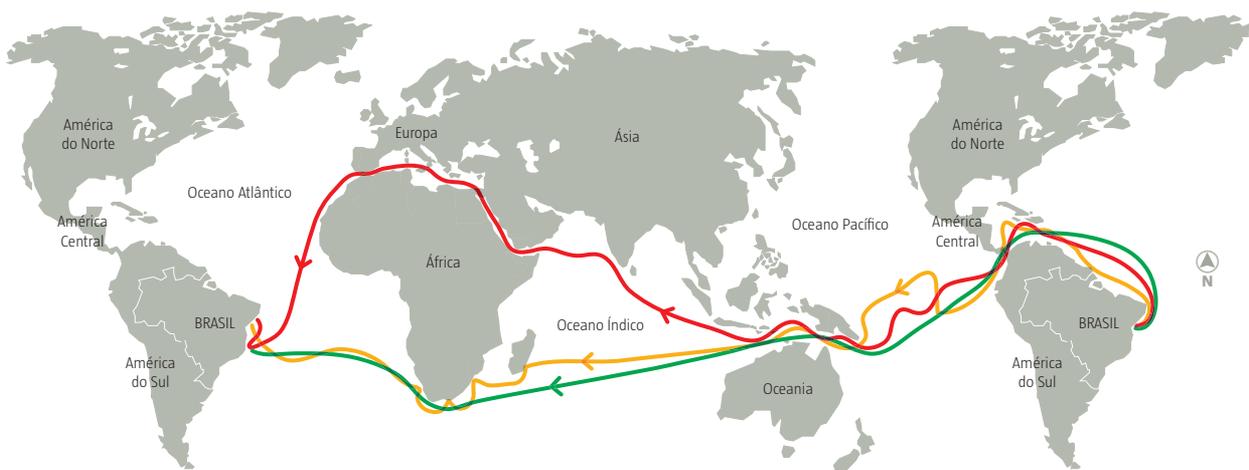
Uma parada na África do Sul



Terceira viagem, março de 2002

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

XANDO PEREIRA | AG. A TARDE | 2.3.2002



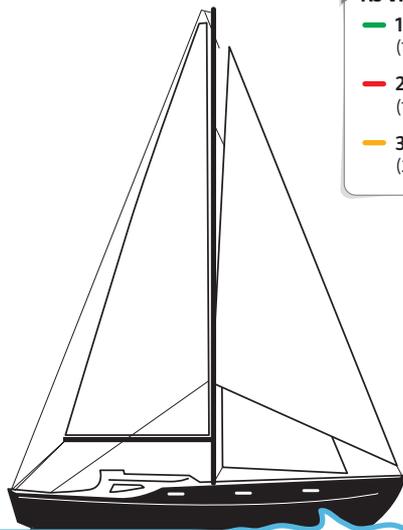
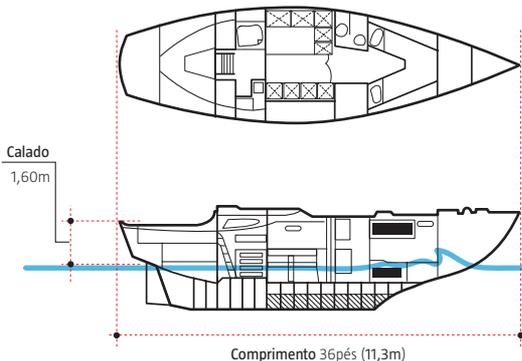
Três Marias

(Roberts 36 A)

Boca	3,40m
Pontal	3,40m
Deslocamento	8 toneladas
Motorização	Yanmar 27 HP
Velas	North Sails
Leme de vento	Aries

AS VIAGENS

- 1ª Volta ao mundo
(16/03/1980 a 23/05/1981)
- 2ª Volta ao mundo
(15/03/1986 a 19/12/1987)
- 3ª Volta ao mundo
(23/09/2000 a 02/03/2002)



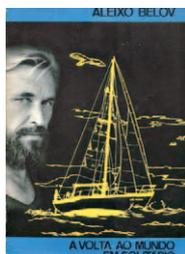
Em 1957, um pretendente da sua irmã se mudou para o Rio, para tentar ser diplomata, e deixou com ele um óculos de mergulho. O gesto, desprezioso, foi o início de tudo. Do mergulho, Aleixo passou para a pesca. Uma das pescarias o levou a Porto Seguro, de onde voltou "com o firme propósito de arrumar um barco e correr o mundo". Foi ver os barcos da Ribeira, ajudou em reformas. "Durante anos não falhei um sábado, um domingo ou feriado. Não brinquei mais Carnaval", escreveu.

Em 1980, formado, separado, com duas filhas pequenas, deixou o porto de Salvador a bordo do Três Marias, que construiu com as próprias mãos, durante três anos, no quintal de casa. Comprou a fibra de vidro e a resina faturada para pagar em três meses. Não tinha nada no bolso.

Saiu para pensar, para estar "frente a frente com as forças da natureza", mas, principalmente, porque era seu sonho. E não há nada que ele respeite mais. "O sonho é o combustível que nos empurra, nos arrasta para diante. A vida segue e você deixa atrás de si a marca de suas passadas na superfície da Terra".

E foi. Tinha 36 anos. Enquanto cruzava o mundo na sua terceira volta, já beirando os 60, deixou anotada uma tentativa de explicação. "Nascido em época de guerra, estava sempre preocupado em sobreviver. Mesmo depois, continuei a levar a vida como se ainda estivesse com as mesmas dificuldades. De repente, sobreviver ficou tão fácil que procurei algo mais difícil para fazer do que simplesmente viver. Por isso, escolhi ser navegador solitário".

Mas é um dilema ainda. "Se estou em casa, canso-me da segurança e penso no tempo que estou desperdiçando, então saio de novo ao mar em busca de incertezas. Se estou no mar, sonho com o aconchego de casa. Quem poderá entender?"



LIVROS

Aleixo Belov reúne os diários das suas viagens em livros. *A volta ao mundo em solitário* é o primeiro relato. Da segunda volta nasceu a trilogia *Em busca do Oriente*, *Em busca das raízes* e *A caminho de casa*. O quinto livro, *Terceira volta ao mundo do veleiro Três Marias*, foi lançado em 2006 (Edições Marítimas - 21 2233-3275/3025)

Solidão

"Aqui sou comandante, marinheiro, taifeiro, padre, juiz, prefeito, presidente. Tudo quem decide sou eu a bordo deste meu país flutuante" (*A volta ao mundo em solitário*)

TRÊS VOLTAS

A primeira viagem foi uma obsessão. De março de 1980 a maio de 1981, Aleixo percorreu 17 portos, navegou 26 mil milhas (41.860 quilômetros). Deixou um emprego de "grana alta" e a proposta de ganhar dois salários, um em Salvador e outro na Colômbia. Saiu sem se despedir da mãe, que disse que não gostaria de chorar no cais. Deixou correr o barco, chorando como a mãe, depois de ouvir da filha menor: "Painho, não vá". "Ela quase me arrasa. Tive que sair rápido para não perder a coragem".

Ficou dias sem pronunciar uma palavra. Tomava banho de água salgada ou aproveitava a da chuva, acordava de hora em hora para ver como ia o barco. Para passar o tempo no mar, lia até quatro livros simultaneamente e ouvia música brasileira.

Foi justamente na primeira viagem que ele ficou mais tempo no mar sem ver gente: 59 dias. Atravessou o Oceano Índico em plena estação de ciclones. "Mas é aquele negócio. Ou você tem estrela ou não tem. Eu tive estrela". Não só atravessou o Índico como arranjou um "amor maravilhoso" em CapeTown, na África do Sul.

"Era uma loira. Ela estava até namorando um cara, mas não deu para ninguém. A minha energia foi suficiente para apagar o amor antigo e acender um novo. Quando a gente chega, vem com carisma, energia, força. Talvez, quem não se dá bem no mar, possa até chegar com cara de coitado. Eu chegava atirando".

No primeiro livro que escreveu, *A volta ao mundo em solitário*, ele deixou registrada a prova de como a gente está perdido no mundo e, sem saber o que virá, faz perguntas tolas: "Caso conclua esta viagem, que considero meu destino, o que me restará fazer na face da Terra?"

Pois viria a segunda volta ao mundo, que durou de março de 1986 a dezembro de 1987 e foi a mais comprida: 36 mil milhas (58 mil quilômetros) e a que rendeu mais livros: três. Talvez porque fosse a vontade deliberada de "passear sem rumo".

Ele tinha se casado novamente e, para poder viajar "mais folgado", terminou tudo com Lygia. "Mas, quatro meses depois, eu pedi que ela fosse me encontrar na Polinésia Francesa. E fui levando assim a vida". Nas águas clarinhas do mar da Polinésia, ele ain-

da mergulha. Aquele é, no mundo, o lugar que ele mais gosta depois de Salvador. “Não tem melhor”.

Aleixo e Lygia Beck estão casados há 25 anos. “Todas as viagens dele, eu aprovo, porque também adoro o mar. A gente se conheceu por acaso no Carnaval, mas eu já estava atrás dele para me ensinar a construir um barco”, conta Lygia, rindo. Hoje, quando pode, ela ajuda no estaleiro, para dar vida ao Fraternidade.

Quando Aleixo viajou pela segunda vez, a filha Lara tinha só seis meses e ouvia da mãe que o pai viria do mar. E é justamente essa a primeira imagem que Lara tem dele: um homem chegando num barco.

A terceira volta demorou 14 anos para acontecer, entre setembro de 2000 a março de 2002. Foi o tempo de ampliar a empresa e encomendar os outros filhos, como diz. São cinco: a mais velha tem 37, o cacula, único homem, 17. A terceira volta foi dedicada a eles. “Viajei de tal sorte que as férias deles coincidiram com os lugares mais bonitos do Planeta. Eles passaram 50 dias na Polinésia Francesa, 18 dias no Oriente e mais 35 dias na África. Eles adoraram e, agora, estão todos torcendo para pongar nesse negócio”.

O “negócio” é a quarta volta, mas Aleixo diz que esse não é um projeto de família, é um compromisso com o mar. “Quem por acaso se encaixar no compromisso, tudo bem. Projeto de família é almoço de fim de semana em casa”. Mas Lygia já procura uma substituta para ficar no lugar dela na Belov Engenharia, onde trabalha na administração, e Alexey, o filho mais novo, já pensa em trancar a faculdade.

SOLIDÃO ACOMPANHADA

No mar, Aleixo diz que não se sente só, que as águas lhe fazem companhia. “Sinto solidão aqui, às vezes até no meio da mul-

O mar

“Quisera eu poder exprimir com palavras o sentimento que me vem ao peito quando, sentado ao lado do leme, fico olhando o horizonte sem fim. Não há como explicar. É preciso vir aqui para ver” (A volta ao mundo em solitário)

tidão, quando vejo que ninguém é pelos outros”. Mas quando pára nos portos, para ver lugares bonitos e conhecer a história de outros povos, dá tempo de fazer amizade, que é também para que serve tudo isso.

“As amizades que se criam são muito boas. Às vezes, você mora junto com uma pessoa e não se abre com ela. Mas quando você chega a um lugar em que ninguém nunca o viu, e sabe que você vai embora e, talvez, nunca volte, é muito mais fácil a pessoa se abrir e te contar os segredos mais íntimos do coração. Isso é que torna a vida cheia, exuberante, rica. A gente fica com tantas idéias, tantas possibilidades”.

E cutuca os homens da terra: “É muito diferente daquela vida medíocre de quem acorda de manhã cedo, corre do engarrafamento para o trabalho, trabalha, trabalha, volta, janta, fica matando o tempo em frente à televisão com um programa enlatado. Viajando a vida fica bonita e vale a pena viver. Você tem certeza disso”.

Com o Três Marias, construído há trinta anos e do qual ele agora se despede, veio a relação mais duradoura. Resistiu bravamente a tempestades e deu pouca dor de cabeça. “O barco é pequenininho, está ultrapassado na técnica. É como um Fusca,

vamos dizer. Mas é um Fusca muito bom, que me deu muitas alegrias, não pretendo me desfazer dele”. O nome foi em homenagem à sua mulher na época, Maria da Graça, e às filhas, Marúcia e Mariana. Mas o 'Três' acabou virando profecia.

O ESPAÇO DO UNIVERSO

“Ninguém pode repetir a mesma façanha como se fosse inédita. Ninguém pode melhorar eternamente o seu próprio recorde e buscar eternamente o seu limite”. A sentença está no quinto livro de Aleixo, *Terceira volta ao mundo do veleiro Três Marias*. Mas lá vai ele de novo. “Tenho medo de que nesta idade algo aconteça, depois de tanta força para fazer o Fraternidade. Mas acho que vai dar certo”.

Não vá emendando um “se Deus quiser”, porque ele não é religioso. “Considere que as religiões que estão aí na prateleira são pratos feitos, não me convencem de jeito nenhum. As religiões que existem aqui, que o pessoal oferece, são iguais a pacotes turísticos”.

Mas a depender do que se defina como Deus, ele pode até botar fé. “Acredito que existe uma ordem. Tudo que existe deve ter uma lei, um início, um princípio e um fim, um motivo para existir. Minha preocupação não é por que essa árvore existe, minha preocupação é o cosmos todo, e quem criou o espaço para botar o universo dentro. Não é nem quem criou o universo. Veja bem, essa história de criar o universo é coisa fácil, depois de ter o espaço para botar”, filosofa.

OS RICOS E OPRIMIDOS

Viajando pelo mundo, ele não deixa de tomar o partido dos oprimidos. Deve ser herança do pai, que lutou em Moscou pelo comunismo. Mas no trabalho como engenheiro ele está, geralmente, construindo



TRES MARIAS

inlargo

para ricos, como os píeres que fez para os prédios do Corredor da Vitória. “Rico também é gente. E tudo que se constrói à beira do mar, com a finalidade de ir para o mar, acho positivo. A Bahia Marina, por exemplo, ficou maravilhosa. Todo mundo foi contra, dizendo que era negócio de rico. Pobre vai para a praia! E o rico quando sai de lancha às vezes chama um pobre pra ir junto. Não me sinto com problema de consciência”.

Ele, que no primeiro livro disse que o principal problema do Brasil era não fazer a reforma agrária – o País estava ainda mergulhado na ditadura – agora acredita que nosso atraso vem da baixa qualidade da educação e da má administração pública.

Viagem

“Os polinésios diziam que se não houvesse nada que sugerisse o rumo certo a seguir, era preciso jogar um porco na água e ele, por puro instinto, nadaria em busca da terra. Sabendo disso, pensei muito em embarcar um porco a bordo. Mas depois pensei melhor e embarquei o GPS” (Terceira volta ao mundo do Veleiro Três Marias)

“Ninguém consegue administrar o País, porque todo mundo quer administrar seu próprio bolso. Essa minha viagem não é para ganhar dinheiro, é por amor. Tem que governar o Brasil por amor. Aí iria dar certo”. Para Aleixo, o socialismo é uma das melhores formas de governo, mas não deu certo por causa do egoísmo do ser humano. “Ainda não estamos preparados para isso, mas acredito que vai chegar o dia”.

Preparado para o mar, ele está. Não sente mais enjôo – “pode pendurar de cabeça para baixo e sacudir” –, mas ainda tem medo. O tempo todo. “Acho que é o medo que me chama. Eu gosto de ter medo e vou atrás dele”. Aí o que tem Aleixo. E uns olhos de águas-marinhas «

O GRUPO OFICCINA MULTIMÉDIA
apresenta:

TEATRO VILA VELHA
Av. Sete de Setembro, s/n, Passeio Público
Sexta e sábado: 20h | Domingo: 19h

R\$ 12,00 (inteira) R\$ 6,00 (meia) | passaporte R\$ 40,00 (5 ingressos)
Inf.: 3083.4600 | www.oficcinamultimedia.com.br

A Acusação | 06 a 15 de junho
Bê-a-bá BRASIL | 20 a 29 de junho

A ACUSAÇÃO & BÊ-A-BÁ BRASIL

Apoio:



Patrocínio:

